

Um país que decide seu modelo

PERU Esquerda partidária e não institucional peruana se une a Humala para derrotar a possibilidade de volta do fujimorismo

Julia Nassif de Souza e Ignacio Lemus
de Lima (Peru)

ONZE ANOS depois dos escândalos de corrupção, violações comprovadas de direitos humanos e fuga de políticos que marcaram a queda do fujimorismo, o Peru se prepara para o segundo turno das eleições presidenciais que apresentam Keiko Fujimori – filha do ex-presidente Alberto Fujimori, hoje, atrás das grades – em uma ferrenha disputa com o candidato progressista Ollanta Humala, que alcança pela segunda vez consecutiva o segundo turno.

Os números indicam que até 5 de junho o país viverá um clima de incertezas, após um primeiro turno em que Gana Perú, partido de Humala, superou, com 31,7% dos votos, as quatro forças apresentadas pela direita neoliberal: Keiko Fujimori (23,5%); o peruano-estadunidense Pedro Pablo Kuczynski, ex-assessor do Banco Mundial e ex-primeiro-ministro; o ex-presidente Alejandro Toledo; e Luis Castañeda.

De acordo com a última pesquisa, do instituto de pesquisas Datum, de 15 de maio, o apoio dos grandes meios de comunicação à filha do ex-ditador tem dado resultado: Fujimori, com 46% das intenções de votos, supera Humala por quase 6 pontos de diferença. 8,6% dos peruanos ainda estavam indecisos.

Origem militar

Ollanta Moisés Humala Tasso, segundo de sete irmãos, é descendente do movimento militar Etnocacerista, grupo que nasceu para atuar na defesa dos direitos nacionais indígenas.

Como militar, em 1991, Humala prestou serviços combatendo os remanescentes do grupo guerrilheiro Sendero Luminoso, função pela qual o candidato não é muito recordado. Em 2000, ainda como militar, esteve na rebelião na cidade de Moquegua, no sul do Peru, contra o regime de Alberto Fujimori, enquanto o assessor presidencial Vladimiro Montesinos escapava do país em um veleiro.

Humala também conta em seu currículo com investigações e acusações contra ele, nenhuma delas comprovadas na Justiça peruana

Humala também conta em seu currículo com investigações e acusações contra ele, nenhuma delas comprovadas na Justiça peruana. Afastado do serviço militar em 2005, o candidato foi acusado de ter participado de um levante seguido de assalto em uma delegacia no qual seu irmão, o ultranacionalista Antauro Humala, terminou condenado a 25 anos de prisão por delitos de homicídio qualificado, rebelião e porte ilegal de armas.

Em 2005, como líder do Partido Nacionalista Peruano, postulou-se às eleições presidenciais, em aliança com o partido Unión por el Perú. Contando com o apoio anunciado do presidente venezuelano Hugo Chávez, disputou o segundo turno contra Alan García, que saiu vitorioso.

Cinco anos mais tarde, o Gana Perú, aliança do Partido Nacionalista Peruano com partidos de esquerda, apresentou Humala como a única força para enfrentar os quatro candidatos da direita neoliberal.

Escândalos e popularidade

Do outro lado, está Keiko Fujimori, que, com 34 anos, já carrega uma bagagem governista desde 1994 quando, aos 19 anos, enfrentou o turbulento divórcio dos pais e escolheu ficar ao lado do então mandatário. Os frutos dessa decisão ela colhe agora, alcançando altos índices de popularidade em sua primeira tentativa presidencial.

No ano 2000, na terceira gestão presidencial de Alberto Fujimori, durante os escândalos e denúncias de corrupção e violação de direitos humanos que já não se podia esconder, o presidente foge do país e só é detido em 2005, no Chile, em uma ação histórica da Justiça latino-americana.

Keiko, então, volta a morar nos Estados Unidos, onde completa sua preparação política inspirada na defesa de seu pai, que cumpre 25 anos de prisão.

Os escândalos que rondam a família Fujimori não evitaram que Keiko, em sua primeira tentativa à presidência, venha alcançando mais da metade das intenções de votos válidos no segundo turno. Mas, com tanta corrupção exposta e comprovada, prisões decretadas e fugas do país, por que a candidata tem tanta popularidade?



A candidata à presidência peruana Keiko Fujimori

46%

das intenções de votos alcançou Keiko Fujimori na última pesquisa eleitoral para a presidência do Peru

É o que explica o peruano **Oscar Ugarteche, economista**, presidente da Agência Latino-Americana de Informação (Alai) e coordenador do Observatório Econômico da América Latina (Obela). Ao analisar o processo eleitoral peruano, ele sugere que a filha de Fujimori conquista as novas gerações apresentando-se como a “jovem mãe, simpática, com um marido gringo e com três passaportes, que, vergonhosamente, são valores positivos para a sociedade peruana”.

Apoio dos movimentos

A imagem de boa moça, exemplo para a juventude desinteressada na política do país, já seria suficiente para conquistar tamanha votação de uma geração que não viveu ou não tem memória do autoritarismo fujimorista. Além disso, segundo Ugarteche, que teve que sair por três vezes do país na era Fujimori, “a direita promoveu tudo com tanta inteligência que Humala simboliza perda, autoritarismo, violação dos direitos humanos, expropriações, estatizações, controles de preços e tudo o que levou à hiperinflação que Alan García produziu nos anos 1980”.

Apesar das vinculações que são atribuídas a ele, no entanto, a maioria dos movimentos sociais no Peru o tem apoiado, nem sempre por identificação plena, mas sim por uma união dos movimentos e partidos da esquerda peruana contra um medo em comum: o retorno à corrupção e à “ditadura” fujimorista.

Lourdes Huanca, presidenta da Federação de Mulheres Campesinas, Artesãs, Indígenas, Nativas e Assalariadas do Peru (Femucarinap), confirma o apoio da organização e esclarece que essa decisão foi discutida e tomada pela maioria dos movimentos sociais que atuam em defesa, principalmente, da liberdade e da democracia, que estavam ameaçadas com a volta do fujimorismo.

Ugarteche sugere que a filha de Fujimori conquista as novas gerações apresentando-se como a “jovem mãe, simpática, com um marido gringo e com três passaportes (...)”

Tais riscos são também apontados por Ugarteche, que adverte ainda que, em uma eventual vitória de Keiko, Alberto Fujimori, o fantasma ignorado pela imprensa nesta eleição, seria solto no dia seguinte ao segundo turno.

Ao mesmo tempo em que a mídia esquece o ditador, ela tenta fazer colar a imagem de falta de autonomia da candidatura de Ollanta Humala, mostrando Hugo Chávez à sua sombra.

Hugo Chávez

Não é de hoje que isso acontece. Desde que o atual presidente, Alan García, assumiu, a mídia tem incentivado a cam-

panha contra Chávez, comenta Ugarteche, assegurando que se trata de uma jogada política para diferenciar o governo “democrático” de García do “não democrático” do venezuelano, com o objetivo de polarizar a América do Sul e separar o Peru e a Colômbia de uma dinâmica política regional que está em curso.

O peculiar, acredita o economista, é que essa campanha não é acidental, pois estaria orquestrada pela direita venezuelana, que estaria assessorando Keiko Fujimori. Paradoxalmente, se

Reprodução

o conceito que o imaginário midiático criou do “ditador” Hugo Chávez encontra paralelo em algum peruano, este seria Alberto Fujimori.

Ugarteche agrega que o Peru possui traumas das guerras contra Equador e Chile, das perdas ocasionadas pela inflação e das reformas de Juan Velasco Alvarado [presidente do autodenominado Governo Revolucionário das Forças Armadas, entre 1968 e 1975].

Segundo ele, cada vez que tais reformas, como a agrária e nacionalizações, são trazidas à pauta, a elite se mobiliza, temendo que a história se repita

Segundo ele, cada vez que tais reformas, como a agrária e nacionalizações, são trazidas à pauta, a elite se mobiliza, temendo que a história se repita. A estratégia de associar Humala a Chávez seria a tentativa de colar no primeiro a ideia de perda (de privilégios).

Apesar dos traumas, o plano de governo de Humala se orienta para a distribuição de renda, geração de emprego e regulação dos recursos para a formação de um setor industrial produtivo que enfrente o grande setor financeiro-minerador, representado por Pedro Pablo Kuczynski e Keiko Fujimori.

Entre o norte e o sul

de Lima (Peru)

No nível regional, o segundo turno das eleições para presidente do Peru entre Ollanta Humala e Keiko Fujimori pode definir a participação política do país na integração com os EUA ou com os vizinhos latino-americanos; mantendo os bons índices do mercado financeiro que nos anos de Nova York e terminam em Santiago do Chile, ou se dedicando a fortalecer modelos econômicos mais independentes.

A integração consistiria em uma tentativa forçada de união continental e não sub-regional, já que o México se encontra associado a Estados Unidos e Canadá no Nafta

Em abril, Peru, Chile, Colômbia e México firmaram o Bloco do Pacífico, nova comunhão de livre comércio entre os quatro países que poderia oferecer uma contraposição a iniciativas como o Mercosul. Porém, o acordo tem gerado polêmica quanto aos seus benefícios e, principalmente, os reais beneficiados.

A integração consistiria em uma tentativa forçada de união continental e não sub-regional, já que o México se encontra associado a Estados Unidos e Canadá no Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), permitindo uma maior aproximação do bloco norte-americano com os outros três países assinantes do Bloco do Pacífico.

Fonte de matéria-prima

Assim, o novo bloco e, consequentemente, o provável fortalecimento do diálogo com os Estados Unidos poderiam aumentar os mercados e espaços internacionalizados na economia de privatizações em que se encontra o Peru atualmente, mantendo o país como fonte de matérias-primas e afastando-o da integração com a região sul.

“Isso terminaria de se concretizar com um tratado entre a América Central e os outros três países do bloco, o que dividiria o hemisfério americano em dois; por um lado, a parte da América do Norte com a América Central e os países do Bloco do Pacífico e, por outra parte, o Mercosul, basicamente”, assegura Ugarteche que, no entanto, adverte que tal decisão depende do parlamento peruano, já que este pode referendar o tratado antes ou depois da posse do novo presidente, em 28 de julho. Se isso acontecer antes dessa data, o próximo presidente teria as mãos atadas. (JNS e IL)

A herança neoliberal

de Lima (Peru)

Grandes desafios aguardam Ollanta Humala, caso seja eleito. Ele terá que enfrentar as amarras do setor financeiro-minerador, encabeçado pelas grandes corporações estrangeiras de extração de recursos naturais e os grandes grupos investidores.

Humala terá que enfrentar as amarras do setor financeiro-minerador, encabeçado pelas grandes corporações estrangeiras de extração de recursos naturais e os grandes grupos investidores

Terá, também, que saber lidar com a pequena taxa de inflação, que vem agradando ultimamente, e com o PIB de 2010, motivo de orgulho no setor político. Ao mesmo tempo, terá que tentar re-

finar a economia de forma que se alcance um aumento salarial, melhor distribuição de renda e crescimento produtivo e industrial do país.

A flexibilidade do emprego, promoção de contratos temporários, ausência e negação de sindicatos, o enfraquecimento dos direitos trabalhistas e a criminalização dos movimentos sociais são algumas das sequelas do regime fujimorista, segundo analistas do campo progressista.

Pobreza

A herança dos anos de neoliberalismo também inclui os altos índices de lucros das empresas e o aumento dos investimentos estrangeiros, hoje considerados como sinais de desenvolvimento de um país que atualmente garante somente 8% de empregos dignos – segundo estudo realizado por Julio Gamero, ex-ministro de Promoção do Emprego do Peru – e concentra 34,8% de sua população em regime de pobreza, sendo que 11,5% desta está na condição de extrema pobreza, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estadística e Informática do Peru (Inei). (JNS e IL)